

Afetos e experimentações estéticas na pesquisa em educação

Affections and aesthetic experiments in education research

Afectos y experimentos estéticos en la investigación educativa

JANETE MAGALHÃES CARVALHO¹

RESUMO: O artigo, escrito de modo ensaístico, enfoca os afetos em sua relação com experimentações estéticas na pesquisa em educação. Apresenta fragmentos de pesquisa realizada com alunos do ensino fundamental visando deslocar o ato de compreender da dimensão intelectual para o corpo e suas experimentações. Conclui que as experimentações estéticas e os afetos em movimento apresentam o poder de acolher o desconhecido e superar abordagens da pesquisa educacional centradas em representações e/ou categorizações fixadas do social.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa educacional; afetos; experimentações estéticas.

ABSTRACT: The article, written in an essayistic way, focuses on affects in their relationship with aesthetic experiments in education research. It presents fragments of research carried out with elementary school students aiming to shift the act of understanding from the intellectual dimension to the body and its experiments. It concludes that aesthetic experiments and affects in movement have the power to welcome the unknown and overcome educational research approaches centered on fixed representations and/or categorizations of the social.

KEYWORDS: Educational research; affections; aesthetic experiments.

1. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES).

RESUMEN: El artículo, escrito de manera ensayística, se centra en los afectos en su relación con los experimentos estéticos en la investigación educativa. Presenta fragmentos de una investigación llevada a cabo con estudiantes de primaria con el objetivo de desplazar el acto de comprensión de la dimensión intelectual al cuerpo y sus experimentos. Se concluye que los experimentos estéticos y los afectos en movimiento tienen el poder de acoger lo desconocido y superar los enfoques de investigación educativa centrados en representaciones fijas y/o categorizaciones de lo social.

PALABRAS CLAVE: Investigación educativa; afectos; experimentos estéticos.

INTRODUÇÃO

A experiência estética nos coloca diante de dificuldades metodológicas, tais como: a consideração da palavra do outro no texto acadêmico, uma vez que suas circunstâncias e condições são singulares; a interpretação dos significados de experiência e sensibilidade, considerando sua dupla face experiencial e estética; a objetificação e redução da experiência à produção de significados.

Descrever uma experiência em sua dimensão estética evidentemente envolve um grande desafio. Assim, invocamos as possibilidades oferecidas pela chamada “virada afetiva” com o objetivo de auxiliar no enfrentamento dessa instigação. A virada afetiva nas humanidades e nas ciências sociais, “[...] consolida e estende alguns dos caminhos mais promissores da pesquisa na atualidade” (Michael Hardt, 2015, p. 1). Especificamente, os dois principais temas propulsores da virada afetiva nos trabalhos acadêmicos referiam-se ao enfoque no corpo e à exploração das emoções. Assim sendo, como as demais viradas (cultural, linguística), a virada afetiva, enquanto estende linhas de pesquisas já consolidadas, também abre possibilidades de estudos inusitadas, lançando luzes imprevistas sobre trabalhos anteriores indicando novas perspectivas de abordagens.

O enfoque nos afetos introduz um deslocamento importante, visto que o desafio da virada afetiva reside na síntese corpo/mente que requer envolver tanto a razão quanto as paixões. Baruch Spinoza (2007) – o filósofo que é, direta ou indiretamente, fonte da maioria dos trabalhos contemporâneos nesse campo –, agrupa os poderes dos afetos em dois conjuntos paralelos de desenvolvimentos ou correspondências. Primeiro, propõe que o poder da mente para pensar seja idêntico ao poder do corpo para agir. Entretanto, Spinoza sustenta que a mente e o corpo são autônomos, mas que prosseguem ou se desenvolvem em paralelo e, assim, Spinoza propõe uma

correspondência entre o poder de agir e o poder de ser afetado. Isto se aplica igualmente à mente e ao corpo: o poder da mente para pensar corresponde a sua receptividade às ideias externas; e o poder do corpo para agir corresponde a sua sensibilidade aos outros corpos. Quanto maior o nosso poder de ser afetado, maior o nosso poder de agir. Para o autor, os afetos podem ser ações – determinados por causas internas; ou paixões – determinadas por causas externas. Existem as razões, ou ações da mente, que juntamente com as ações do corpo poderiam levar, provocativamente, a uma razão corpórea; e existem as paixões, tanto da mente quanto do corpo (Hardt, 2015).

Para Spinoza (2007), o projeto ético-político envolve um esforço constante de transformar paixões em ações; de substituir encontros que resultam de causas externas, e que podem ser alegres ou tristes, por encontros impelidos por causas internas – que são necessariamente alegres. Assim, para Spinoza (2007) a perspectiva dos afetos requer a constante problematização da relação entre ações e paixões, razões e emoções. Assim como não é possível prever as ações de um corpo nem os pensamentos de uma mente, não é possível saber o que os afetos podem provocar. A perspectiva dos afetos requer, por isso, a exploração desses poderes ainda desconhecidos em sua relação com a pesquisa em educação.

Em vista disso, neste texto apresentamos pistas sobre a orientação da pesquisa nessa perspectiva, abordando: a relação afetos e experiências estéticas; o toque na composição de uma política da imediação; algumas pistas teórico-metodológicas para a realização de uma pesquisa que considere essa perspectiva; a apresentação de fragmentos de uma pesquisa mais ampla, realizada com alunos de ensino fundamental, que visou deslocar o ato de aprender da sua dimensão somente intelectual, para o corpo e suas experimentações; e, finalizando com a problematização sobre os possíveis dos afetos em movimentos em experimentações estéticas movimentarem as escolas em seus processos *aprendentes*.

A TEORIA DOS AFETOS E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM PESQUISA

O poder da teoria dos afetos na experiência estética está em sua capacidade de nos afetar e conduzir-nos na direção de algo desconhecido, inesperado, para colocar-nos em movimento e fazer-nos reagir, mergulhados num banho de sensações e reações. Desse mergulho, emergem ideias que muitas vezes nos obrigam a repensar aquilo que acreditávamos saber. Como afirma Brian Massumi (2015) é sempre preferível

deixar-nos afetar e, eventualmente, sermos alterados, pois não reivindicando o alcance da experiência em si, podemos descrever e refletir a nossa “experiência da experiência”.

Os modos pelos quais a experiência estética nos chega não está subsumido ao ato de transmissão de um significado ou mensagem a ser decodificada, pois nos alcança através do corpo endereçada pelas emoções, pelos sentimentos, pelas sensações.

Uma abordagem unicamente objetiva ou orientada por uma perspectiva somente subjetiva coloca em risco o caráter relacional do encontro. Para não perdermos suas qualidades, precisamos combinar a experiência subjetiva com a estrutura e contexto do encontro, levando em conta os modos de aparições da experiência estética, sua materialidade e a memória que a assombra, sua singularidade na cultura e as peculiaridades históricas que a tornam possível etc. (Moriceau; Mendonça, 2016, p. 80).

A virada afetiva se refere, principalmente, a novas perspectivas científicas e práticas metodológicas consequentes, visto que a pesquisa em que o pesquisador é guiado por afetos, é guiada pela situação. Como método, não se trata de produzir representações mais ricas, mas de encontrar modos para efetuar um mergulho no concreto, no vivido, no parcial, no local, no específico, no experimentado, no relacional (Letiche; Lightfood, 2014, *apud* Massumi, 2015, p. vii), “[...] permitindo surfar as ondas do afeto na crista das palavras, encharcados até nosso esqueleto conceitual pela delicadeza dessa aspensão”, para, em seguida, tentar pensar e escrever sob os efeitos desse banho experiencial. A abordagem baseia-se assim em um duplo movimento, o da presença sensível e o da reflexividade sobre a qualidade da presença no mundo: aparece como o tato, o paladar, a possibilidade de realmente ouvir/escutar. “Um deixar-se afetar: sentir essa marca, essa reação, o momento que o mundo construiu em nós; deixar essas impressões trabalharem nosso interior, tornar-se curioso para ver para onde elas levarão nossos corpos e nossos pensamentos” (Moriceau; Mendonça, 2016, p. 81).

Para Kathleen Stewart, os afetos nos chegam à maneira de um evento. Alguma coisa acontece no momento, “[...] tudo junto como um evento e uma sensação; um algo ao mesmo tempo animado e inabitável” (Stewart, 2007, p. 1). O significado dos afetos ordinários, aqueles que nos cruzam nas esquinas das ruas, nos pátios de recreio, nas salas de aula está nas intensidades que os constroem e nos pensamentos e sentimentos que os tornam possíveis. Os afetos são carregados de informações, de potencialidades compreensivas, daquilo que é designado pelo capitalismo ou pela globalização, mostrando a eficácia dos seus efeitos sobre nossas vidas, nossos corpos.

Um segundo movimento consiste em pensar, através dos afetos, no presente, com o objetivo de refletir sobre os traços dos efeitos políticos, memoriais, éticos, estéticos e existenciais. Os afetos assim percebidos nos dizem que algo está acontecendo, algo que não se enquadra com o que é esperado ou naturalizado. Assim sendo, recorreremos à premissa adotada por Jacques Rancière (2005) de necessária reconfiguração da experiência sensível coletiva, relacionada com o *sensorium* da vida comum que institui determinadas configurações da experiência que são possíveis, ou não, na vida em sociedade. Essa experiência sensível remete à estética envolvendo a “[...] forma pela qual os corpos se encontram em comunidade” (Rancière, 1996, p. 19). Ainda, segundo Rancière (2005), a estética é política, pois o ritmo coletivo sensorializa algumas experiências e inviabiliza outras, marcando, dessa forma, a partilha como inexorável à vida em sociedade. Tal partilha é definida como “[...] o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas [...] um comum partilhado e partes exclusivas” (Rancière, 2005, p. 15). Nessa perspectiva, a dimensão do sensível na educação deverá ser uma imanência, pois não se configura como uma sistemática educativa, mas, antes, como uma manifestação ético-estética-política. Trata-se, portanto, de requisitar o dado sensível não para ilustrar o conhecimento, mas para ele próprio ser o gerador do conhecimento indicativo da capacidade de o ser humano sentir a si próprio e ao mundo. Assim, defendemos em nossas pesquisas a possibilidade de “furar a bolha” do instituído nas políticas educacionais predefinidas, criando outros possíveis. Dessa maneira, pela problematização dos mundos existentes e pela arte questionarmos as formas políticas educacionais e políticas dominantes, fazendo nos entres a abertura processual antidogmática de imediação que inspira uma educação que considere o corpo, a ideia e suas experimentações.

O TOQUE NA COMPOSIÇÃO DE UMA POLÍTICA DA IMEDIAÇÃO

Segundo Erin Manning (2023) o corpo como modalidade sensorial se engaja com um outro através do toque, o qual, por sua vez, transpira violência potencial em seu desejo de transformar o espaço entre si mesmo e o outro. Não há preocupação com um destino final no que concerne ao toque. O corpo é o intermediário através do qual crio, com você, o espaço compartilhado de nosso toque, nossa subjetividade-em-processo. Para a autora, o momento do toque como um alcance é o momento raro em que a política e a ética existem lado a lado. O toque, como momento ético-político,

rompe com a alternativa falaciosa entre fins e meios, que paralisa tanto a ética quanto a política no interior da matriz de regimes de territorialidade imposta pelo Estado.

A decodificação das informações através dos órgãos sensoriais do corpo é obtida por meio da relação entre o corpo e o ambiente. A percepção sensorial depende do encontro do mundo com o corpo à medida que o corpo se torna mundo. Os sentidos traduzem o corpo não como indivíduo, mas como troca relacional entre corpos e mundos. Erin Manning (2019), nesse sentido, apresenta o conceito de *imedição* como um meio de expandir nossa compreensão sobre política, desafiando definições arraigadas e abrindo espaço para uma abordagem mais fluida e sensível aos fluxos de relações que nos rodeiam. Diferentemente da ideia de mediar, que parte de suposições já preestabelecidas sobre um *ethos* das coisas (quase todos eles moldados pelos grupos no poder), a autora trata do *imediado* como a ação que se dá no entre – fora de uma experiência medida pela lógica linear –, capaz de desestabilizar categorias por gerar uma espécie de saber que se formata pelo seu contínuo estado de acontecência – a testemunha/acompanhante do tempo, do corpo em processo/formação. Para Manning (2019, p. 12), uma política da imedição convida-nos a começar não com os termos intactos, mas pelo meio onde as coisas ainda estão se formando e as categorias ainda não estão fixadas. Cortando pelo meio, a imedição não procura estrutura, mas composições. Isso envolve improvisação. Não sabemos exatamente como as condições da experiência serão alteradas pelo acontecimento de se instalar no e pelo meio do tempo, pois “[...] uma política da imedição se orienta em torno de um pensamento do político que ele mesmo deve ser inventado de novo em cada ocasião de experiência”.

A vocação intrínseca da política de Estado é unificar objetivos e organizar aspirações em uma unidade espaço-temporal. Ela não lida bem com rompimentos em seu tecido social: a política deve ser comum e, onde a comunalidade não pode ser encontrada, deve-se traçar uma linha criando uma fissura entre o dentro e o fora, entre o conhecido e o desconhecido, o eu e o outro. Entretanto, sempre há fugas possíveis da matriz de inteligibilidade do corpo-político, uma desarticulação resiste. Estas possibilidades contestam a soberania do Estado-nação em seu cerne, mesmo quando a resistência ainda não está em ação com este propósito definido. Uma política do toque é um dos meios pelos quais o corpo resiste ao Estado. Para Manning (2023) tocar outrem é um gesto recíproco rumo à incognoscibilidade que sublinha a incompletude do Estado, instância invariavelmente falha na tentativa de subsumir o corpo ao seu domínio. O toque enfatiza a discrepância entre a violência do corpo como multiplicidade e a violência do corpo como identidade. A violência do toque, por outro lado,

não se refere ao controle, ela é produtiva. Quando o Estado se apodera do corpo, tenta criar um laço de reciprocidade absolutamente hierárquico; quando o corpo abandona o (imaginário do) Estado, passa a criar outros corpos, outros mundos.

Certamente, a violência permanece fatal, mas neste caso o Estado não a detém exclusivamente, podendo ser vista, agora, como uma rede de forças que produzem efeitos de poder e de conhecimento com os quais o corpo pode operar. Enquanto no sistema de soberania do Estado as infrações permanecem sendo crimes contra o Estado, o corpo que desafia tais limites compartilha do potencial de violência e, portanto, concebe-a não como um momento da “queda” exterior, mas como um momento de habilidade em ser responsivo. Esta é uma mudança fundamental, pois quando a violência é um direito exclusivo do Estado, todos se tornam culpados por serem culpados. Porém, quando a violência se apresenta como um empreendimento compartilhado entre corpos através da complexa modalidade que é o toque, ela se torna a medida de resposta na tomada de decisão, envolvendo a capacidade em responder não apenas ao outro, mas a si mesmo.

ALGUMAS PISTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Assim, tocar a experiência é entrar em contato sem mediações, é acercar-se o mais perto dela, tão perto que ela permite que as trocas afetem ambos os lados da mesma moeda. Afetar é tocar e ser afetado é ser tocado. Deixar-se afetar, deixar-se ser tocado (sensorial e emocionalmente) é ingressar em uma relação apta a produzir transformações em nosso ser e nossos pensamentos. Desse modo, na pesquisa para saber algo da experiência devemos, antes de mais nada, vivê-la, deixá-la agir em nós. Precisamos deixar a posição de observador distanciado, permitir que alguns de seus aspectos nos afetem, em ambos os sentidos: transformar-nos e dar origem a certos efeitos. O afeto é um sinal de que alguma coisa nos chega e o efeito da experiência. Viver a experiência não é apenas capturá-la para analisá-la, mas é também reagir e interagir. Ser afetado é um apelo ao engajamento. Expor-se, tocar e ser tocado, é o oposto a uma ideia de objetivismo, tão típico ao pensamento de alguns pesquisadores.

Metodologicamente, nossa experiência da experiência será o que a pesquisa irá adicionar: entrevistas, observações, conversas, acréscimos de reações às nossas reações da experiência, para que se torne impossível separar em dois agrupamentos, o objeto de estudo e representação desse objeto, a experiência e o saber acadêmico. A pesquisa é o encontro entre essas múltiplas construções e nela é impossível isolar

para examinar, para estabelecer modelos à distância. Estamos sempre já afetados, bem como está aquilo que é por nós percebido. Devemos aceitar só termos acesso a um conhecimento “contaminado”, como afirmou Stewart (1991). Nesta abordagem, tal contaminação não é um sinal de indolência do pesquisador, mas de um contato verdadeiro com a experiência. Em contrapartida, a reflexividade sobre estas (inter) construções (das *performances*, das experiências, dos discursos, dos intercâmbios, dos pensamentos e reflexões...) é uma fonte de entendimento expandido. No entanto, como os dados sensíveis podem convocar-nos a pensar e sentir a nós e ao mundo, considerando como exposto que a dimensão do sensível envolve os aspectos cognitivo, cultural, ético-afetivo, estético e político?

Segundo Deleuze e Guattari (2010), permitindo ser invadido pela experiência ao invés de decodificá-la, pois, para ele, a arte não é para ser interpretada, é para ser experimentada, permitindo-nos ser afetados. É um encontro, uma experiência que nos transforma a maneira do devir que nos impele a reconstruir-nos: nossos pensamentos, a nossa posição diante das coisas, nossas certezas, o nosso modo de existência, pois o afeto nos força a pensar, a criar novos conceitos ou novas atitudes, nos expõe ao devir. Em *Crítica e Clínica*, Deleuze (1997) afirma a experiência estética como possibilidade de diagnóstico dos nossos modos de vida e descoberta dos jogos de forças que os animam, não apenas obrigando-nos a analisá-los, mas para reconfigurar a nossa relação com o mundo e a existência. Assim, Deleuze nos convida a nos orientar para os lugares e momentos onde o sentido se produz, a nos colocar diante dessa produção propriamente dita, a sentir o que ela produz em nós, o que ela produz de nós. O sentido não é algo dado, materializado, é resultado da potência do afetar. Afetar é um signo e uma fonte de sentido. Trata-se assim de experimentar a experiência estética, de desfrutar o que ela pode produzir em nossa existência, de pensar a partir dela.

POR UMA PESQUISA QUE DESLOQUE O ATO DE COMPREENDER DA DIMENSÃO SOMENTE INTELECTUAL PARA O CORPO E SUAS EXPERIMENTAÇÕES

Em uma escola pública de periferia, as crianças da terceira e quarta séries do ensino fundamental são convidadas a conhecer as composições fotográficas do artista turco Ugur Gallenkus da Série Universos Paralelos. Elas [as crianças] vão percebendo que o artista trabalha com realidades sociopolítico-econômicas distintas... As imagens suscitam questões em falas e escritas de frases simples que se delineiam a partir das figuras apresentadas, mas, principalmente, pela força das obras de fotomontagem

em sua relação com as desigualdades de um mundo ao qual nos acostumamos com impotência e com o consentimento². Portanto, as experimentações delinearam-se a partir de fotomontagens de um artista, mas principalmente pelo contraste de realidades expressas com força em suas obras, suscitando um movimento do pensamento infantil que busca encontros com o que experienciam na escola e fora dela. Assim, investigamos quais efeitos o encontro com as obras suscitou no pensamento dos alunos? De que modo a experiência engendrou a abertura perceptual dos alunos para outros mundos, possibilitando indagar/problematizar outros horizontes?³

Considerando que o afeto (*affectus*, Spinoza 2007) é uma experiência não consciente de intensidade; é um momento de potencial não formado, não estruturado e mais abstrato que o sentimento ou emoção, não pode ser realizado totalmente na linguagem sendo anterior ou externo à consciência. Segundo Massumi (2002), trata-se de uma experiência não consciente de intensidade; é um momento de potencial não formado e não estruturado, distinguindo-se do sentimento e da emoção por ser mais abstrato e sempre anterior e/ou externo à consciência, constituindo-se como uma maneira de o corpo se preparar para a ação em uma dada circunstância, adicionando uma dimensão quantitativa de intensidade à qualidade de uma experiência. Sendo assim, o corpo tem uma gramática própria porque “[...] não absorve apenas impulsos ou estímulos discretos; ele envolve contextos...” (Massumi, 2002, p. 30).

Desse modo, quando um corpo envolve um contexto e outro corpo (real ou virtual), está expressando intensidade naquele contexto, uma intensidade é envolvida em outra. Ao ressoar com a intensidade dos contextos que envolve, o corpo tenta garantir que está preparado para responder apropriadamente a uma dada circunstância. Dada a onipresença do afeto, ele [o afeto] apresenta a capacidade de criar ressonâncias afetivas e isso pode provocar, potencializar a abertura perceptual. Assim, sendo o afeto abstrato, é sua “abstratividade” que o torna transmissível de maneiras que sentimentos e emoções não são, e é porque o afeto é transmissível que ele é potencialmente uma força social tão poderosa.

Isso posto, a pesquisa não buscou usar a estética pressupondo premeditação, pois, se o afeto precede o pensamento, o afeto não é diretamente capturável. Isso não quer dizer que não existam práticas em que certas formas de aprimoramento de

2. Dadas somente algumas das imagens e uma frase correspondente a ela [à imagem] escrita por uma das crianças.

3. Exercício integrante de pesquisa desenvolvida no período 2020-2024, coordenada pela professora doutora Janete Magalhães Carvalho com apoio do CNPq, denominada “Imagens, signos artísticos instigando aprendizagens nos currículos em cotidianos escolares: potencializando a constituição de corpos coletivos”. Processo 308269/2019-5.

afeto sejam mais prevalentes, apenas que as pessoas que se envolvem nessas práticas não estão investindo em afeto, mas sim na esperança de serem movidas e/ou provocarem o movimento do pensamento (Shouse, 2005). Sendo assim, como argumenta Stewart (2007), o afeto apresenta-se como algo que acontece de repente, ele aparece tanto como um acontecimento quanto como uma sensação. Ele nos obriga a prestar atenção a um hábito, um choque, uma ressonância ou um impacto. Sua ocorrência nos surpreende e nos captura. Se ele nos afeta, é exatamente porque desafia e desfaz nossas expectativas. De repente, a investigação não está mais orientada por aquilo que estava definido no desenho inicial, mas opta por se deixar guiar pelo afeto. O que nos guia é, então, o que nos toca, o que nos incomoda ou nos revolta, o que nos tira da nossa atitude natural. Somos encorajados a seguir o que é interessante e não o que estava planejado e previsto (Moriceau, 2021).

O afeto se perde, não tem mais força, se o categorizarmos e classificarmos muito rapidamente em uma representação. Claro, tudo nos leva a transformá-lo em algo conhecido, portanto inofensivo, que não nos põe em movimento. É mais fácil, mais reconfortante, evitar que ele nos contamine (Moriceau, 2021, Stewart, 1991) e inicie um trabalho em nós. É mais confortável limitar-se apenas a um contato cognitivo e conceitual, mas este estaria, de alguma forma, higienizado, insensível e anestesiado: o afeto seria desativado. Pretendendo não desativar os afetos, apresentamos a seguir algumas fotos-montagem de Ugur Gallenkus e algumas expressões escritas das crianças manifestas na pesquisa.



Foto 1 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Quando as pessoas se divertem é brincadeira, mas o menino pobre não está se divertindo. Por que o menino que tem tanto brinquedo não chama o outro para brincar?”



Foto 2 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Parece com os meninos que vigiam para o tráfico, mas eu uso mochila com livro, porque eles morrem cedo! Eu tenho muito medo de alguém me matar.”



Foto 3 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Deve ser divertido andar na banana no mar, mas por que são tantos e tão apertados? Não podem cair?”



Foto 4 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Parece que a bolha de sabão explodiu. Que força a menina tem! Mas quem vai consertar a cidade? Meu barraco cairia todinho...”



Foto 5 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Eu não gostei dessa foto! Olha, meninos com armas! Uns levantam a mão para estudar e os outros para matar.”



Foto 6 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Uma mão de menina tentando juntar seus balões com o do outro menino! Acho que estão querendo brincar juntos com seus balões, mas a menina não consegue ir para o jardim bonito.”



Foto 7 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Um menino está no claro e o outro no escuro. Escuro e enferrujado! Eu tenho medo do escuro me pegar. Você sabe o que tem no escuro?”



Foto 8 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Queria ser branca e rica, mas pareço mais com a feia. Um dia, ainda, vou me pintar de branco!”



Foto 9 – Parallel Universes @ugurgallen

Frase escrita por um(a) aluno (a): “Eu também não tenho VAN escolar, mas não trabalho carregando água como o menino. Só quando falta! Mas tá bom! Só tenho medo de pessoas mortas e de homem que bate em mulher.”

Se o campo/contracampo é um dispositivo importante de construção do espaço imagético, pensar o campo/contracampo é uma oportunidade para interrogar a relação entre a dimensão do inteligível e o sensível na educação escolar, não apenas sobre a forma como esse dispositivo é reencenado, mas como ele possibilita a interrogação da vida existencial em sua relação com o processo educativo escolar, permitindo repensá-lo. Desse modo, a intencionalidade foi promover um deslocamento conceitual e ético-estético das existências no âmbito da escola pública, visando a uma abertura existencial que reconheça a pluralidade dos intermundos e almeje a superação do estado passivo dos alunos. Para tanto, partimos da premissa de que a arte e/ou os signos artísticos possuem o caráter especial de explorar afetos e afecções inusitados, ampliando nossas relações com o mundo.

CONCLUSÃO: AFETOS EM MOVIMENTO, MOVIMENTAM AS ESCOLAS PÚBLICAS?

Os gestos infantis instaurados nas escolas públicas, nos encontros com as foto-montagens, nos *fazem ver* singularidades de um pensamento acerca desses territórios escolares. Daí, portanto, buscamos agenciar com a arte a experiência de criar modos de aprendizagens capazes de potencializar as infinitas possibilidades de vida. Dessa forma, buscamos em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) a aposta na potência artística. Para os autores, a arte cria as condições de existência dos mundos ao traçar planos de afecções que, circulando, esbarram no plano da vida continuamente. “Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 202). Uma alteridade como uma invenção e não um dado. O outro que está em mim supera a visão de um outro apartado de mim, abrindo-se ao não humano do homem, à natureza, à coletividade, ao universo múltiplo, como um desejo de agenciamento de uma comunalidade expansiva (Carvalho, 2009), devir aos mil afetos e desejos. Outro, portanto, que reage no processo de pesquisa: outro em devir, um devir outro que resiste inclusive à fundação da pesquisa em educação, mesmo porque “[...] o que deve ser fundado é sempre uma pretensão” (Deleuze, 1988, p. 260).

Trata-se de aprender e assim colocar em movimento o que pensávamos saber, pois os afetos têm precisamente tal poder de movimento, de deslocamento e de acolher o desconhecido. Pôr o pensamento em movimento não ocorre porque não há teoria que valha a pena (algumas nos dão certa razão para viver ou para lutar), mas porque nossas teorias, nossas abordagens, nossos conceitos são frequentemente

bloqueados em representações ou categorizações objetificadoras familiares. Colocá-los em movimento é deixar espaço e possibilidades para novas construções por vir. São muitas as abordagens teóricas pós-críticas que, nas franjas, propõem um pesquisar em que a afetividade e a expressão estética ocupem seu espaço e abram alas contra o excesso de objetivação, pois são os afetos em sua relação com a estética, a ética e a política que nos conectam com o mundo, visto que têm muito a nos ensinar, a nos oferecer elementos sobre os quais pensar.

Os afetos nascem do encontro e da experiência e nos colocam em comunicação com o outro, o estranho, o vulnerável, o invisível e aquele destituído de voz. Eles nos conectam com o que outras abordagens não exploram, geralmente por terem deixado de ser sensíveis a essas dimensões do encontro e da transformação recíproca. Eles nos fazem tocar e explorar o que está no limite do conhecível, fornecendo-nos um rico material para repensarmos nossas posições, nosso percurso de pesquisa e nossa maneira de torná-lo público e partilhável. Portanto, os afetos não devem ser concebidos como um instrumento de produção de conhecimento ou uma astúcia metodológica, pois, eles são geralmente o que dá sentido à investigação, o que desperta o desejo de pesquisar. Sendo assim, a fotografia, mesmo contendo uma intenção de quem a produziu, possui “um vivido” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 200) para além de uma determinada experiência situada num contexto e em um tempo, e, então, os gestos de fotografar, olhar e pensar por elas, como afirma Wunder (2011, p. 168), poderiam ser entendidos “[...] como um *outro vivido*, a partir de uma outra temporalidade, na lógica de uma linguagem acontecimento”. E, assim, crianças de uma escola pública da rede escolar de Cariacica, em contato com as fotos montagens de Ugur Gallenkus buscaram expressar linhas de vida em uma estética da arte de educar que vibrou na relação de seus corpos com o arco-íris de outros corpos e dos incorpóreos que pulsam em seus cotidianos como um impulso para o movimento de criação e interrogação/problematização das linhas de vida.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GALLENKUS, Ugur. **Parallel Universes Book Serie**. Disponível em: <https://ugurgallenkus.com>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- HARDT, Michael. O trabalho afetivo. *In*: PELBART, Paul; COSTA, Roberto (Org.). **O reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 143-157.
- HARDT, Michael. Para que servem os afetos? Tradução de Luiz Roberto Leite Farias. **Intersemiose**, Revista Digital, ano IV, n. 7, p. 1-4, jan./jun. 2015.
- MANNING, Erin. Em direção a uma política da imediação. Tradução de Sebastian Wiedemann. *In*: DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian Wiedemann; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (Org.). **Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...** Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019. p. 09-23.
- MANNING, Erin. **Políticas do toque: sentidos, movimento e soberania**. Tradução de Bianca Scliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.
- MASSUMI, Brian. **Politics of affects**. Cambridge/UK: Polity Press, 2015.
- MASSUMI, Brian. **Parables for the virtual**. Durham NC: Duke University Press, 2002.
- MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. *In*: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge. (Org.). **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2016. p. 78-98.
- MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. Tradução de Ângela Cristina Salgueiro Marques. *In*: PESSOA, Sonia Caldas; Ângela Cristina Salgueiro Marques; MENDONÇA, Carlos Magno Camargo (Org.). **Afetos: teses e argumentos**. Belo Horizonte: Fafich/PPGCOM/ UFMG, 2021. p. 17-31.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SHOUSE, Eric. Feeling, emotion, affect. **Media Culture Journal**, v. 8, n. 6, p. 1-5, dez. 2005.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- STEWART, Kathleen. **Ordinary affects**. Durham NC: Duke University Press, 2007.
- STEWART, Kathleen. On the politics of cultural theory: a case for “contaminated” cultural critique. **Social Research**, 58, n. 2, p. 395-412, 1991.
- WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. *In*: AMORIN, Antônio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao de. (Org.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011. p. 155-176.

SOBRE A AUTORA

Janete Magalhães Carvalho é Doutora em Educação; professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE-UFES); Pesquisadora PQ-1C do CNPq. Lattes: 4780081698750924.

E-mail: janete.carvalho0112@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9906-2911>.

Recebido em 27 de dezembro de 2024 e aprovado em 10 de março de 2025.